

Pupilas cavas: Machado de Assis e seus leitores escritores no século XX

Ieda Lebensztayn

Resumo

O objetivo deste trabalho é reunir, estudar e divulgar artigos da recepção literária de Machado de Assis no século XX, com base na pesquisa nos acervos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), da Biblioteca Nacional (RJ), da Florestan Fernandes (FFLCH-USP), entre outros. Este trabalho vincula-se a um projeto mais abrangente, sobre a recepção crítica e a recepção literária da obra de Machado, que vem sendo realizado pelo professor Hélio de Seixas Guimarães, de Literatura Brasileira da USP. Em recente pós-doutorado na Fundação Casa de Rui Barbosa, o professor Hélio se dedicou a pesquisar a coleção de cadernos organizados por Plínio Doyle, os quais reúnem inúmeros artigos de escritores e de críticos a respeito da vida e da obra de Machado de Assis. Já na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin consta uma obra significativa para nosso estudo: *Machado de Assis: primeiro centenário 1839-1939*, três volumes encadernados que contêm recortes de artigos publicados em 1939, por ocasião do centenário de nascimento do escritor. Em particular, interessam-nos imagens criadas por ficcionistas e poetas as quais condensem de forma sugestiva as várias dimensões que se combinam artisticamente na obra de Machado de Assis. Entre esses autores, há contemporâneos de Machado que sobreviveram a ele (como Graça Aranha, Olavo Bilac, Rui Barbosa), alguns menos conhecidos hoje, membros da Academia Brasileira de Letras (Antonio Austregésilo, Oswaldo Orico, Rodrigo Octavio), e escritores modernos (como Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade etc.). Tendo como pressuposto crítico um olhar hermenêutico para a tradição da literatura e da crítica brasileiras, que considere a obra de arte em suas dimensões de expressão subjetiva, de representação social, de construção formal e de transitividade com o público leitor, o propósito é ampliar e aprofundar o conhecimento e a compreensão da obra e da fortuna crítica tanto de Machado de Assis quanto dos escritores que se detiveram em sua criação literária.

Palavras-chave

Machado de Assis; crítica literária; escritores brasileiros do século XX; recepção literária; pesquisa em acervo

1 Ieda Lebensztayn é pesquisadora de pós-doutorado na Biblioteca Brasileira Mindlin, BBM-USP/ FFLCH-USP. Doutora em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP, fez pós-doutorado no IEB-USP sobre a correspondência de Graciliano Ramos. Autora de *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis* (Hedra, 2010). Organizou, com Thiago Mio Salla, os livros *Cangaços* e *Conversas*, de Graciliano Ramos, publicados em 2014 pela Record. E-mail: biolito gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (nº do processo: 166032/2015-8). E-mail: biolito@gmail.com.

O objetivo de meu trabalho de pós-doutorado é localizar, compilar, estudar e divulgar artigos de escritores brasileiros do século XX centrados na obra de Machado de Assis. Um dos resultados pretendidos será, em colaboração com Hélio de Seixas Guimarães, professor de Literatura Brasileira da USP, estudioso de Machado de Assis, a publicação de uma seleção desses artigos, numa edição acompanhada de estudo introdutório e notas. E também a realização de exposições da Machadiana presente na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP). Os acervos de base da pesquisa são os da BBM, da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), da Biblioteca Nacional, do Instituto de Estudos Brasileiros e da Biblioteca Florestan Fernandes.

Este trabalho vincula-se a um projeto mais abrangente, sobre a recepção crítica e a recepção literária da obra de Machado, que vem sendo realizado pelo professor Hélio. Em recente pós-doutorado na Fundação Casa de Rui Barbosa, ele se dedicou a pesquisar no Arquivo Museu de Literatura Brasileira um material muito vasto e importante: a coleção de cadernos organizados por Plínio Doyle, os quais reúnem inúmeros artigos de escritores e de críticos a respeito da vida e da obra de Machado de Assis, datados desde a década de 1870 até a de 1990.

Já na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin consta uma obra significativa para nosso estudo: *Machado de Assis: primeiro centenário 1839-1939*, três volumes encadernados que contêm recortes de artigos publicados em 1939, por ocasião do centenário de nascimento do escritor. O material é bastante rico, porém a maioria dos recortes não trazem as referências dos periódicos e das datas exatas em que foram publicados. Essa dificuldade se soluciona em geral com o recurso à obra *Fontes para o estudo de Machado de Assis* (1958), de José Galante de Sousa, que elenca em ordem cronológica verbetes provenientes de um levantamento bibliográfico de artigos sobre Machado desde 1857 até 1957. Mais do que isso: o convívio com o livro de Galante, de valor inestimável para a pesquisa, como anuncia seu título e se confirma ante os cem anos de fortuna crítica por ele recobertos, abre caminho para a descoberta de novos textos.

Nesse sentido, também se destaca a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

como fonte de pesquisa. Possibilita, graças a seus mecanismos de busca e ao vasto acervo de periódicos, não só localizar e descobrir artigos, como também suprir informações a respeito de algum recorte de artigo no qual não se veem referências ao jornal ou ao autor ou à data de publicação.

Como os escritores brasileiros reagiram à obra e à figura de Machado de Assis, como constituíram seus próprios caminhos diante da incontornável presença machadiana na tradição literária brasileira? Buscados por esta pesquisa, os ensaios de ficcionistas e poetas acerca de Machado deixam ver não só a força da arte do nosso grande escritor, como também o movimento reflexivo, crítico, feito de aproximações e de distanciamentos, empreendido pelos autores ao se posicionarem diante de literatura e trajetória tão singulares, que provocam questionamentos amplos e fundos nos âmbitos social, psicológico, moral, estético, cultural, político.

Uma das inspirações desta pesquisa, justamente intitulado *Machado de Assis, o escritor que nos lê. As figuras machadianas através da crítica e das polêmicas*, o novo livro de Hélio Guimarães, a sair em 2017 pela editora Unesp, estuda momentos de inflexão da crítica que possibilitaram que o mesmo escritor fosse considerado figura de exceção, depois brasileiro exemplar e mito nacional, ou um Shakespeare brasileiro, ou um realista intérprete do Brasil. Diante da dificuldade de se fixarem os sentidos da figura e da literatura machadianas, os vieses interpretativos escolhidos são reveladores dos leitores. O alcance de tal estudo de Hélio, que se detém na fortuna crítica sobre Machado, inclusive em artigos de escritores, em especial de alguns modernistas, motivou o desejo de se realizar a seleção de artigos de ficcionistas e poetas a que nos temos dedicado.

Entre esses autores, estão contemporâneos de Machado que sobreviveram a ele (como Antônio Sales, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Rui Barbosa), alguns menos conhecidos hoje, membros da Academia Brasileira de Letras (Antonio Austregésilo, Oswaldo Orico, Rodrigo Octavio), e escritores modernos (como Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Rubem Braga etc.).

Enquetes publicadas na imprensa também são fontes de depoimentos significativos para a compreensão tanto da obra de Machado de Assis como de seu impacto na formação de seus leitores escritores. Destaca-se um inquérito publicado em três números de *O Jornal*, em 1939, feito por José Condé com dez escritores: Oswald de Andrade, Murilo Mendes, José Lins do Rego, Pedro Dantas, Lúcio Cardoso, Jorge Amado, Astrojildo Pereira, Aníbal Machado, Manuel Bandeira, Octávio de Faria. Intitulado “Os escritores de hoje falam sobre Machado de Assis”, tal inquérito se centrou em três questões fundamentais: a influência de Machado em sua época e em geral; uma projeção sobre o aumento ou a redução dessa influência; a linguagem do romancista.

Em particular, interessam-nos imagens concebidas por ficcionistas e poetas as quais condensem, de forma sugestiva, as várias dimensões que se combinam artisticamente na obra de Machado de Assis; e, a um tempo, tais imagens certamente falarão do estilo e da perspectiva dos escritores-críticos.

É Graciliano Ramos o criador de uma imagem crítica que constituiu também inspiração para este trabalho. Concebe a expressão “sorriso franzido”² de Machado, que sintetiza à perfeição a imagem que se tem da vida e da obra do autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, escritas com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia”: embora “risonho” na aparência, o livro contém em sua alma um “sentimento amargo e áspero”, conforme se lê no prólogo de Machado à terceira edição, de 1896. Se o *sorriso* é expressão de contentamento, expansão prazerosa, o *franzido* compartilha a raiz de *fracasso, fratura, confrangimento, naufrágio*. E Graciliano leitor se reconhece e se ressentente diante desse “sorriso franzido”: o escritor enigmático traz um riso dilacerado, simpatia/compaixão contraída em ironia, de quem conhece a impassibilidade da natureza. Impossível não lembrar aqui a conhecida expressão “ao vencedor, as batatas” e a que a precede em *Quincas Borba* — “Ao vencido, ódio ou compaixão” —, retomadas na cena final do romance, coroação artística do vazio social e existencial de Rubião, conforme

² RAMOS, Graciliano. Os amigos de Machado de Assis. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, 3. fase, jun. 1939, p. 86-88. Consta também do volume *Linhas tortas* (Rio de Janeiro: Record).

o Humanitismo: “Eia! Chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa”.

Veja-se o contexto das referidas palavras de Graciliano, do artigo “Os amigos de Machado de Assis”, publicado na *Revista do Brasil* em junho de 1939: “O velho mestre do conto brasileiro não admite intimidades: é correto demais, vê longe e tem um sorriso franzido”. Apreende-se já nesse trecho a ambiguidade entre admiração e distanciamento como marca da recepção da literatura machadiana. A admiração pelo mestre de visão aguçada se evidencia também na escolha certa de substantivos e adjetivos com que Graciliano se refere a Machado ao longo do artigo: “escritor excelente”, “estilista notável”, “analista sutil”. Ao mesmo tempo, sobressai a percepção quanto à difícil popularidade de Machado de Assis, que “não admite intimidades”: consciente do quão difícil significa para o público a tarefa de “entender e sentir” a literatura daquele “homem frio, medido, explorador de consciências”, o velho Graça exprimiu tal questão com a força também de seu estilo, ironizando o mal-estar dos leitores ao verem as motivações de ordinário interesseiras das ações humanas desveladas por aquele “analista sutil”: “Em geral não gostamos de que nos explorem a consciência — e, ainda quando sabemos que a exploração é benfeita, necessitamos algum esforço para nos habituarmos a ela”.

E aqui se chega à questão que move o artigo de Graciliano, justamente intitulado “Os amigos de Machado de Assis”: apesar de o autor de *Dom Casmurro* não haver procurado a popularidade e de a grande maioria desconhecer-lhe a obra, os poderes públicos desenhavam um caminho para transformar em ídolo o escritor de origem pobre que ascendeu. Observe-se que o texto de Graciliano foi publicado num volume da *Revista do Brasil* comemorativo do centenário de nascimento de Machado, em 1939, durante o Estado Novo, para o qual interessava a consagração de mitos nacionais. Nesse contexto, Graciliano sentia a necessidade de chamar a atenção para o engodo de muitos se dizem “amigos de Machado de Assis” e o alçarem à categoria de gênio, sem se darem ao trabalho de ler sua obra. O romancista alagoano, que estivera na prisão três anos antes, conhecia o perigo das generalizações, do “respeito supersticioso” votado pelas massas

àquilo que ignoram. Ao mesmo tempo, sobressai sua compreensão crítica ante a acolhida popular do escritor como símbolo de grandeza nacional por meio de retratos, placas, livros reimpressos: tratava-se de representações materiais necessárias para o povo fixar a ideia de grandeza, assim como precisava de imagens “para segurar as noções de justiça, bondade, santidade e outras coisas caídas em desuso”.

Também incomodava Graciliano a postura social de aparente neutralidade que ressalta da obra machadiana. Decerto a relativização de tudo se apura em arte, diversamente do proselitismo. Por outro lado, conforme depoimento para *Dom Casmurro*, de 1937, Graciliano se distanciava de Machado devido ao “medo de definir-se” deste, à “ausência completa da coragem de uma atitude”.³ Julgando que ninguém trabalhou melhor a língua, Graciliano se ressentia de que o autor do *Memorial de Aires* deveria ter refletido e iluminado a sua época; e conclui, à semelhança de Mário de Andrade,⁴ não amar Machado de Assis.

Assim, tendo como pressuposto crítico um olhar hermenêutico para a tradição da literatura e da crítica brasileiras, que considere a obra de arte em suas dimensões de expressão subjetiva, de representação social, de construção formal e de transitividade com o público leitor,⁵ o propósito é ampliar e aprofundar o conhecimento e a compreensão da obra e da fortuna crítica tanto de Machado de Assis quanto dos escritores que se detiveram em sua criação literária.

3 RAMOS, Graciliano. De Graciliano Ramos. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1937. In: *Conversas*. Org. Thiago Mío Salla e Ieda Lebensztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 283.

4 ANDRADE, Mário de. “Machado de Assis - I”, “Última jornada - II”, “Machado de Assis - III”. *Diário de Notícias*, “Vida Literária”, Rio de Janeiro, 11, 18 e 25 jun. 1939, 1º Suplemento, p. 2. Também em: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s/d., pp. 89-108.

5 Cf. BOSI, Alfredo. Machado de Assis na encruzilhada dos caminhos da crítica. *Machado de Assis em Linha*, ano 2, n. 4, dez. 2009; Idem. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; Idem. *Reflexões sobre a arte*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934.

_____. *Quando eu era vivo. Memórias. 1867 a 1934*. Edição póstuma e definitiva. Rio de Janeiro: Record, 1981.

ANDRADE, Mário de. Machado de Assis (1939). In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, s/d., pp. 89-108.

_____. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, 4 vols.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. Machado de Assis na encruzilhada dos caminhos da crítica. *Machado de Assis em Linha*, ano 2, n. 4, dez. 2009.

BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mário; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, pp. 17-39.

CADERNOS de Literatura Brasileira: Machado de Assis, n. 23/24, jul. 2008, Instituto Moreira Salles, SP. Consultores: Hélio de Seixas Guimarães e Vladimir Sacchetta.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

CONDÉ, José. Os escritores de hoje falam sobre Machado de Assis [Oswald de Andrade, Murilo Mendes, José Lins do Rego, Pedro Dantas, Lúcio Cardoso, Jorge Amado, Astrojildo Pereira, Aníbal Machado, Manuel Bandeira, Octávio de Faria]. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11, 18 e 25 jun. 1939, Quarta Seção, p. 2.

DOYLE, Plínio (org.). *Coleção de cadernos com recortes de jornais e revistas de/sobre*

Machado de Assis. Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

FARIA, João Roberto (org.). *Machado de Assis: do teatro (textos críticos e escritos diversos)*. São Paulo: Perspectiva, 2008

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GRANJA, Lúcia; GUIDIN, Márcia Lígia; RICIERI, Francine Weiss (orgs.). *Machado de Assis: ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê. As figuras machadianas através da crítica e das polêmicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

_____. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2004; 2. ed., 2012.

MACHADO de Assis: primeiro centenário 1839-1939. s.l.: s.n, [1939]. 3 vols. Exemplar pertencente à Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, São Paulo, BBM-USP.

MASSA, Jean-Michel. *Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis IV: 1957-1958*. Rio de Janeiro: São José, 1965.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis 1935-1938*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. 3. ed. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*. 4. ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

RAMOS, Graciliano. De Graciliano Ramos. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1937. In: *Conversas*. Org. Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. Machado de Assis. In: *Linhas tortas*. Rio de Janeiro: Record, 2005, pp. 152-4.

_____. Os amigos de Machado de Assis. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, 3ª fase, jun. 1939, pp. 86-8.

SALES, Antônio. Machado de Assis. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza,

set. 1939, pp. 7-11.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

_____. Leituras em competição. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 75, pp. 61-79, jul. 2006.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do bruxo: ensaios machadianos*. 2. ed. rev. e modificada. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1955.

_____. *Fontes para o estudo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

VAZ, Léo. *O professor Jeremias*. Rio de Janeiro: Bom Texto; Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

_____. *Páginas vazias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

VILLAÇA, Alcides. Machado de Assis, tradutor de si mesmo. *Revista Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, 1998, n. 51, pp. 3-14.